



PARREIRAS, Antônio. *Conquista do Amazonas*. 1907. Óleo sobre tela, 400 cm x 800 cm. Museu Histórico do Paraná, Curitiba.

Na obra, é possível perceber que as expedições em busca das drogas do sertão pela Região Amazônica mobilizaram um número considerável de pessoas de diversos grupos: indígenas, clérigos e homens brancos. A presença de embarcações aponta uma característica dessas expedições: frequentemente seguiam o curso de um rio, buscando as plantas nas proximidades das margens e evitando que se perdessem na mata.



organizando a história

- 1 Quais razões podem ser apontadas como decisivas para a intensificação das expedições de busca pelas chamadas drogas do sertão?

- 2 Quais foram as maiores dificuldades enfrentadas por aqueles que empreenderam a busca pelas drogas do sertão?



Criação de gado

Já no século XVII, havia criação de gado na Colônia. Essa criação estava vinculada ao funcionamento do engenho no Nordeste, ou seja, os animais que ali cresciam eram utilizados como força motriz de equipamentos ou como força de carga para o cotidiano da produção do açúcar.

Com o crescimento dos engenhos e o desenvolvimento da economia açucareira, os currais também aumentaram, principalmente nos arredores de cidades importantes em capitânicas como Pernambuco e Bahia. Diversos fatores influenciaram na interiorização do território para a criação de gado, entre elas, a [Carta Régia](#) de 1701.

Esse documento proibia a criação de gado no limite de 10 léguas do litoral ao interior, ou seja, os animais deviam ser criados a aproximadamente 50 quilômetros da costa. Essa

Carta Régia: documento assinado por um monarca contendo uma ordem.





determinação favorecia os senhores de engenho e liberava para a lavoura açucareira territórios litorâneos, mais adequados ao cultivo da cana-de-açúcar. Assim, a atividade da pecuária para criação de gado acabou sendo levada para o interior.

Diferentemente da estrutura da sociedade produtora de açúcar, em que havia grupos sociais demarcados – senhores, escravizados e poucos homens livres –, na expansão da pecuária para a criação do gado, havia maior diversidade: brancos, mestiços, indígenas, escravizados e alforriados faziam parte da empreitada, embora não de maneira igualitária.

Muitas estratégias foram traçadas para encontrar terras adequadas à criação de gado e rotas que facilitassem o transporte desses animais. Uma das maneiras encontradas foi explorar o território seguindo o curso de rios. As primeiras expedições saídas da Bahia, por exemplo, foram guiadas pelo curso do Rio São Francisco.

Aos poucos, a pecuária foi instalada ao longo do território brasileiro, começando pelo sertão da Região Nordeste. Esse movimento criou não só uma nova atividade econômica, mas também uma nova sociedade, com aspectos culturais e sociais específicos.

O tamanho dos currais variava de acordo com o rebanho e o número anual de bezerros, chegando até a mil metros quadrados. Uma fazenda de baixa produção amansava, anualmente, cem bezerros; uma grande, mil. Cercas eram feitas em aroeira, cedro, candeia, louro, jatobá, jacarandá, enfim, madeiras nobres que, então, eram abundantes. Junto aos vaqueiros livres trabalhavam escravos, homens e mulheres.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010, p. 78.

No início do processo de implantação da pecuária, as propriedades não contavam com grandes estruturas e seus proprietários não tinham vidas luxuosas. Muitas vezes, as sedes das fazendas de gado eram construídas com paredes simples de madeira e telhado de palha. Ao redor dela, currais improvisados eram suficientes para a criação, que tinha como destino abastecer as regiões açucareiras próximas do litoral. A carne e o couro também eram comercializados. Os animais criados nas fazendas podiam servir ainda de força motriz para engenhos.



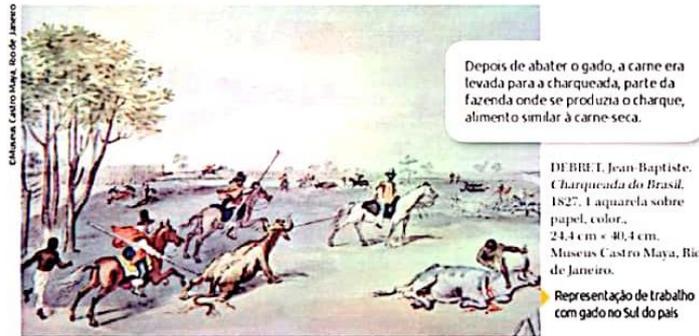
troca de ideias

Após estudar algumas características da vida de pessoas que ajudaram a desbravar o Brasil, ampliando suas fronteiras, percebemos que, geralmente, elas enfrentavam inúmeras situações e elementos desconhecidos. Na época, não havia informações sobre animais, insetos, doenças e alimentos que poderiam ser encontrados no interior da Colônia e a comunicação com os indígenas que detinham esses conhecimentos nem sempre era pacífica ou mesmo viável, por conta do idioma.

Com base nos seus conhecimentos sobre as Bandeiras, a exploração de drogas do sertão e a criação de gado no Brasil Colônia, discuta com os colegas como vocês acreditam que era o cotidiano nessas expedições e quais seriam as motivações e os objetivos de seus participantes.



O cotidiano nos sertões do Brasil Colônia era marcado por atividades que giravam em torno dos cuidados com o gado: organizar os animais para que se reproduzissem, auxiliar no parto das fêmeas, acompanhar as boiadas ao pasto, recolher os animais, prevenir e tratar doenças, amansar animais arreados, etc. Nessa sociedade, os principais eventos eram as festas religiosas, que promoviam a sociabilidade entre as famílias de fazendeiros, trabalhadores e escravizados.



Nas fazendas localizadas na Região Sul, os donos das estâncias contavam com o trabalho de pessoas escravizadas e de peões assalariados para a condução dos rebanhos e para o preparo da carne-seca, que era vendida nas feiras, em São Paulo. De lá, o gado era levado para as regiões de mineração.

Nas fazendas do Sudeste, o proprietário também contava com o trabalho de pessoas escravizadas e de homens livres, que cuidavam dos animais nas pastagens e os conduziam para a venda nas principais feiras que se realizavam para esse fim, chamadas **feiras de muares**. Como o pagamento aos homens livres era feito em cabeças de gado, ao longo do tempo, eles também constituíam o próprio rebanho.

Tropeirismo

Uma das principais consequências do processo de interiorização iniciado pela criação de gado, e continuado pelo processo de mineração, foi o surgimento de pequenos núcleos urbanos afastados das regiões mais populosas, no litoral. O desenvolvimento da pecuária causou um deslocamento populacional para regiões distantes do litoral e, com isso, ampliou também a necessidade de circulação de mercadorias do litoral para o interior e vice-versa.

Assim, na virada do século XVII para o XVIII, surgiram os **tropeiros**, importantes profissionais do Período Colonial. Ficaram conhecidos como tropeiros porque andavam com seus cavalos e mulas organizados em tropas, alcançando as mais distantes regiões da Colônia, onde muitas vezes não havia estrutura, moeda ou a presença do poder político e econômico da Coroa portuguesa. Um tropeiro podia ser um criador de animais ou um negociante de mercadorias.

Em um contexto sem instituições e leis que regulassem o comércio, exercer essa atividade era um grande desafio. Uma maneira de lidar com a insegurança foi criar uma ética própria. A ideia de honra e cumprimento da palavra era muito forte entre os tropeiros, já que, nas regiões mais distantes, não havia a presença de um governo que pudesse reger as relações entre as pessoas e garantir o cumprimento de acordos.

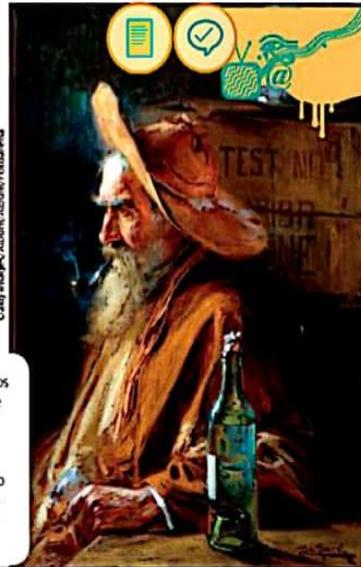
Parte da atividade inicial dos tropeiros no Brasil se deu em torno da pecuária. Eles transportavam e vendiam o couro e a carne produzidos nas fazendas. Além desses produtos, os tropeiros também levavam para a população do interior ferramentas e utensílios domésticos. O tropeirismo dependia da migração que ocorria para o interior, nas regiões de extração do ouro, pois lá se formavam núcleos populacionais que precisariam dos gêneros comercializados e entregues pelos tropeiros.

Em geral, os acampamentos dos tropeiros eram organizados. Suas viagens determinavam paradas em distâncias regulares nas rotas. Para que não estragassem durante as longas viagens, as comidas das tropas deviam ser secas e costumavam ser gordurosas, para garantir a energia dos viajantes.

Muitos tropeiros, com o tempo, ampliaram seus negócios, passando a criar o gado que abasteceria a população. Aos poucos, formou-se um fluxo constante de tropas de bois e mulas vindos do Sul até a região mineira.

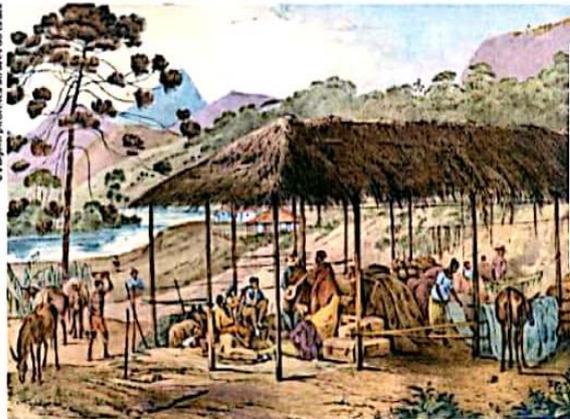
A vida dos tropeiros podia ser bastante difícil. Exigia desconfortáveis viagens que duravam meses e o enfrentamento de adversidades com poucos recursos.

Café em uma praça, Alisson F. F. da Silva



DE SERVI, Carlo. *O descanso do tropeiro*. Óleo sobre tela. 94 cm x 65 cm. Pinacoteca do Estado de São Paulo.

C. Wagner. A viagem do tropeiro, Alisson F. F. da Silva



RUGENDAS, Johann M. *Reposo de uma caravana*. 1 litogravura, color. In: _____. *Malerische Reise in Brasilien*. Engelmann & Cie: Paris, 1835.

Na ilustração, é possível observar um pouco do modo de vida dos tropeiros. A rotina deles incluía viajar longas distâncias com cargas pesadas e volumosas e improvisar estruturas simples para descansar, alimentar-se e cuidar da higiene.





pesquisa

Faz parte da herança cultural deixada pelos tropeiros, especialmente nas regiões Sul e Sudeste (São Paulo e Minas Gerais), a culinária típica. Com base no que você estudou, pesquise a relação entre o modo de vida dos tropeiros e os alimentos que consumiam. Busque saber também quais desses alimentos continuam presentes em nossa alimentação. Depois, registre no caderno as informações que você encontrou.

© Shutterstock/RoburGenio



O feijão tropeiro é um prato comum em Minas Gerais, São Paulo e Goiás, mas também está presente em regiões do Paraná. É uma das expressões da culinária que se remete à cultura dos tropeiros.



interpretando documentos

Parte das obras que retratam o Período Colonial foram produzidas posteriormente. As imagens a seguir, feitas no século XIX, a primeira pelo artista francês Jean-Baptiste Debret e a segunda pelo inglês Charles Landseer, retratam tropeiros em um momento de descanso.

© Museu Castro Maya, Rio de Janeiro



DEBRET, Jean-Baptiste. *Campeiros proprietários de tropas na Província do Rio Grande*. 1823. 1 aquarela sobre papel, color., 15,3 cm x 22,1 cm. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro.



© Coleção particular, Rio de Janeiro

LANDSEER, Charles. *Rancho de Tropeiros*. 1827. 1 óleo sobre madeira, color., 45 cm x 60 cm. Coleção particular, Rio de Janeiro.

Que elementos comuns podem ser observados nas imagens?





Missões e reduções jesuíticas

As missões e reduções jesuíticas no Brasil Colônia foram fundamentais sob dois aspectos: por seu papel missionário no desenvolvimento de aldeamentos indígenas para catequização e pela visão sobre educação observada na fundação de colégios. Seguindo esses valores, as missões e reduções se espalharam por diversas partes do território, deixando marcas na História do Brasil que podem ser observadas até a atualidade.

A Companhia de Jesus, ordem religiosa de que fazem parte os jesuítas, foi fundada em 1534, em Paris, por um grupo de religiosos liderados por Inácio de Loyola. A ordem surgiu no contexto da Contrarreforma, ou seja, da reação da Igreja Católica às Reformas Protestantes na Europa. Dessa maneira, no momento da fundação da ordem, o objetivo da Igreja era angariar novos fiéis para o catolicismo. Para isso, a Companhia de Jesus, pouco após sua fundação, enviou missionários para as Américas portuguesa e espanhola, com o objetivo de catequizar as populações nativas, ou seja, conseguir novos fiéis, ensinando a doutrina católica e os costumes europeus.

Foi durante a administração do governador-geral Tomé de Sousa, em meados de 1549, que os primeiros jesuítas vieram para a Colônia portuguesa, liderados pelo padre Manuel da Nóbrega, com a tarefa de catequizar os indígenas. Outro jesuíta de destaque foi o padre José de Anchieta, que ficou conhecido como "o apóstolo do Brasil". Com Manuel da Nóbrega, José de Anchieta fundou o primeiro colégio do Brasil, na região da atual cidade de São Paulo. A intenção deles era alfabetizar colonos e indígenas, ensinando-lhes orações e hinos católicos. A escola e a povoação ao redor dela deram origem a essa cidade.

Espalhadas por quase todo o território colonial, as missões e reduções jesuíticas tinham uma ampla e complexa estrutura que visava organizar os trabalhos realizados pelos indígenas, criando uma disciplina cotidiana, mediada pela doutrina religiosa.

O interesse pela catequese colocou os padres jesuítas em conflito com alguns colonos. Interessados em converter os nativos, os jesuítas protegiam as populações indígenas de eventuais explorações e violências por parte dos colonos.

O plano da redução jesuítica de São Miguel Arcanjo em São Miguel das Missões, no atual estado do Rio Grande do Sul, demonstra a organização e a preocupação dos jesuítas com o espaço físico das missões. Os elementos eram pensados para favorecer o trabalho e a disciplina cotidiana dos catequizandos.



PLANO da Redução Jesuítica de São Miguel Arcanjo. 1756.



Resistência dos indígenas à escravidão

Após a chegada dos colonizadores à América, o modo de vida dos indígenas mudou. Entre 1500 e 1530, os nativos foram utilizados como mão de obra na extração do pau-brasil. Para a realização desse trabalho, eles recebiam objetos de metal, como machados, além de adereços, chamados de bugigangas. A partir da década de 1530, com o início efetivo da colonização, os indígenas foram capturados para o trabalho escravo.

Nesse contexto, os jesuítas atuaram com o objetivo de coibir a escravização indígena, embora eles mesmos agissem no sentido de educá-los para a fé cristã e para o trabalho. As missões jesuíticas no Brasil colaboraram para alterar o modo de existência indígena, pois, nos locais onde foram instaladas, os nativos se tornaram sedentários, facilitando sua captura pelos bandeirantes.

Mesmo sendo menos rentável que o tráfico de africanos, a escravidão indígena existiu na América portuguesa e os povos nativos resistiram de diversas formas a esse processo, principalmente por meio das batalhas e da fuga. Alguns movimentos de resistência indígena tiveram destaque na história do Brasil Colonial, como a Confederação dos Tamoios e a Confederação dos Cariris.

A **Confederação dos Tamoios** (1554-1567) ocorreu na região entre a atual cidade de Bertioga, na Baixada Santista, e Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro. A revolta teve início quando um português chamado João Ramalho tentou conquistar o apoio dos Tupiniquim casando-se com uma indígena para tornar-se membro da aldeia. A partir disso, João Ramalho usou sua influência entre os Tupiniquim para promover ataques e escravizar os Tupinambá para o trabalho nas plantações de cana-de-açúcar no atual território de São Paulo. Em um desses ataques, capturaram o chefe dos Tupinambá, que morreu no cativeiro por maus-tratos. Esse fato acirrou a resistência desse povo, que se uniu e promoveu uma grande guerra contra os portugueses e contra os Tupiniquim.

Após diversas batalhas, a Confederação dos Tamoios, que estava formada por diversas aldeias, como a dos Tupinambá, a dos Goitacá e a dos Aimoré, e era liderada por Cunhambebe, aliou-se às tropas francesas no projeto da França Antártica contra os portugueses. No entanto, em 1567, as forças indígenas e francesas foram derrotadas pelas tropas portuguesas.

A **Confederação dos Cariris** (1683-1713) teve início para impedir o avanço da ocupação de suas terras. Os Cariri e os Tarairiú atacaram terras onde os colonizadores estavam estabelecidos, nas regiões dos atuais estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e do Ceará. Os ataques foram tão intensos que o então governador-geral precisou recorrer ao reforço dos bandeirantes paulistas para dar fim à insurreição.



THÉVET, André. Quaniambec (Cunhambebe). 1 gravura, p.8b. In: _____. *Les vrais portraits et vies des hommes illustres grecz, latins et payens*. I. Kervert et Guillaume Chaudière: Paris, 1584, p. 661.

▶ Representação de Cunhambebe, líder da Confederação dos Tamoios